



Joana Bértholo Pagar para falar

Olha para o mundo que a rodeia, cheio de tecnologia e redes sociais, e apetece-lhe agitar a memória de René Descartes, afirmando: "Consumo, logo existo". No seu novo romance, *Ecologia*, que considera ser também "uma carta de amor à linguagem", o futuro serve-se com fatura. Até para falar é preciso ter dinheiro. Uma distopia que reflete sobre o aqui e o agora. À entrevista com a escritora juntamos a crítica de Miguel Real, depois da leitura, publicada no número anterior, de Viriato Soromenho-Marques

LUÍS RICARDO DUARTE

S

Se vivéssemos no futuro que Joana Bértholo imaginou no seu novo romance, este texto teria um preço. Por cada palavra, um valor. No fim, uma considerável maquia, tento em conta a generosa quantidade de caracteres das páginas do JL. O entrevistador e a entrevistada podiam ter a sorte de apanhar alguma promoção ou comprar um pacote de termos menos usados. Com tempo, seria possível recorrer a estranhíssimas e criativas, embora eficazes, formas de comunicação (por gestos, por símbolos, por sugestões?). Mas mesmo esse esforço seria em vão. Nesta sociedade, o consumo é quem mais ordena. O mercado dita as regras. E os lucros da empresa de Darla Walsh disparam todos os anos, até ao controlo total.

Em *Ecologia* ensaia-se uma distopia para se refletir no papel da linguagem na sociedade contemporânea, cheia de simplificações tecnológicas e virtuais. Na linha de 1984, de George Orwell, ou de *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, a escritora sonda o futuro para interrogar o presente. Sem ser uma profecia, é um alerta. Ficção que convoca o pensamento.

Nascida em 1982, Joana Bértholo estreou-se literariamente em 2010, com *Diálogos para o fim do Mundo*, distinguindo com o Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho. Neste primeiro romance já se revelava um gosto por jogos formais, que viria a desenvolver nos livros seguintes: *Havia* (contos), *O Lago Avesso* (romance) e *Inventário do Pó* (contos). Também o faz em *Ecologia*, ao apropriar-se das múltiplas linguagens contemporâneas.



Joana Bértholo "A imaginação ao serviço da verdade é mais poderosa que os factos"

Jornal de Letras: Os romances históricos ou futuristas são muitas vezes outras formas de interpelar o presente. É o caso de *Ecologia*?

Joana Bértholo: Totalmente. O livro nasce de um estar no meu tempo, de querer perceber o que é ser ficcionista no mundo da pós-verdade. Também o que significa escrever textos de 504 páginas, como este, quando a dieta diária são tuítes de 160 caracteres. Quis pensar nestas questões enquanto autora, mas também enquanto cidadã. Devo estar ou não no *facebook*? Que *post* posso escrever? São decisões, por vezes comezinhas, com que nos confrontamos diariamente na nossa relação com o mundo.

Em que medida uma distopia se ajusta a essa reflexão?



As redes sociais são um consumo de nós próprios. E por meios subtis, ubíquos e perversos, o mercado toma conta de tudo

A distopia traz ao de cima a lógica totalitária que não queremos ver no mundo, mas que, num certo sentido, já cá está. Quando o nosso espírito crítico pensa nestes temas até ao fundo, apercebemo-nos que não estão a ser equacionadas alternativas ou que

parecem inviáveis. Assumimos que esta forma de estar no mundo, ditada pela tecnologia e pelas redes sociais, de um controlo muito maior do que supomos, é inevitável.

Na distopia argumenta *ad absurdum*?

Exatamente. Este futuro não tem data. Pela tecnologia, um pouco mais avançada da que temos, dá para imaginar que ainda tarda. Mas até nesse aspeto recebi uma espécie de estalada sem mão. Comecei a escrever este livro há cinco ou seis anos. Exigiu muita investigação, pois tive de perceber a vanguarda tecnológica na área do reconhecimento de voz, que os analistas colocavam num futuro a médio prazo. Dava para escrever dois ou três livros.

E entretanto chegou a Siri...

Pois... Houve um aceleração muito grande nestes últimos anos, as ideias e os avanços materializaram-se rapidamente.

Foi ultrapassada pela realidade?

Quase. Afinal, não estava a antecipar assim tanto uma realidade futura. Isso faz com que o romance seja ainda mais sobre o presente, mais até do que a minha vontade.

Um tópico frequente nas distopias é a ideia de controlo. Em *Ecologia* aplica-se à linguagem. Porquê?

Uma das explorações deste livro é justamente de que forma a linguagem, e a sua ligação ao pensamento, é o que nos torna humanos. E dela nascem outras perguntas, sobretudo na ligação ao silêncio, que traz uma escuta diferente, uma atenção ao que podem ser outras linguagens. Que outros interlocutores temos nesta vida? Isto de vivermos na Terra é um monólogo entre humanos ou estamos em diálogo com outras linguagens? Faz o homem parte da Natureza ou é qualquer coisa exterior?

Daí a *Ecologia*?

Sim. A *Ecologia* é a ciência das relações, estuda as dinâmicas dos seres vivos com os seus meios naturais. O romance problematiza o papel da linguagem e do pensamento na nossa relação com mundo.

Em que sentido?

A certa altura falo da linguagem de uma tribo que tem uma particularidade. Sempre que uma pessoa se apresenta a alguém que não conhece, do género, "Olá, eu sou a Joana", o termo que usa remete para a ideia de terra. Ou seja, ele apresenta-se como parte integrante daquela terra, a sua. Será que teríamos a relação que temos com o que nos rodeia, poderíamos destruir o planeta como estamos a fazer, se estivéssemos mais implicados nele, também através da linguagem?

Mas aqui também é o reverso, pois a linguagem não é livre.

Sim. Tudo o que as pessoas dizem é taxado, pago e digitalizado. Aos poucos cria-se um enorme Arquivo, que facilita a vida às pessoas, automatizando a linguagem e as conversas.

O sonho de qualquer *Big Brother*...

Uma sociedade de vigilância continua à qual se adere com entusiasmo. O retorno é irresistível: uma vida sem insónias, depressões, excessos de peso. Em troca, apenas se tem de abdicar da privacidade.

Acredita que num futuro poderá haver entusiasmo e aceitação no controlo da linguagem?

A premissa da empresa que cria o *software* que reconhece a voz e impõe um preço por cada palavra, com várias campanhas para termos menos usados, assenta numa revalorização da palavra, sem bem que numa perspetiva redutora. É através da definição de valor – o valor do mercado.

É uma referência à sociedade de consumo?

Se Descartes ler isto, dará certamente muitas voltas no túmulo, mas a máxima que impera hoje é: "Consumo, logo existo". Os nossos processos identitários estão cada vez mais ligados ao consumo. A própria representação tecnológica o está, em particular a das redes sociais, que são um consumo de nós próprios. Virtualmente, queremos ser um produto apelativo aos outros. E por meios subtis, ubíquos e perversos, o mercado toma conta de tudo.

Consegue identificar a inquietação inicial que a levou a este romance?

A ideia surgiu numa fase em que estava a ler (e muito preocupada) com a patente intelectual das sementes. Por muito que pensasse no assunto, parecia-me absurdo. E é. Como se pode patentear o que sempre esteve na natureza? É como se me dissessem: agora pagas para falar!

"Não há almoços grátis", diz-se. Nem invenções científicas e tecnológicas?

O problema é que tudo serve um bem último: o mercado e o consumo. Que a Ciência esteja ligada à criação de novos produtos, que depois têm um preço, enfim, está tão enraizado na nossa sociedade que já não acho estranho. Outra coisa, e escandalosa, é pegar no que sempre foi comum e atribuir-lhe um preço. É a privatização da água, por exemplo. Ou da linguagem, que me pareceu um conceito muito bonito.

Não será antes assustador?

Bonito literariamente. Uma ideia promissora, fértil. E complexa, também, porque não é possível ter muitas certezas sobre os efeitos de tanta tecnologia no ser humano. Uma das personagens principais é a Candela. É o relógio do livro, na medida em que, sendo bebé no início e sénior no fim, sabemos que a evolução proposta dura uma vida. Na adolescência, numa sociedade hiper tecnológica, já meio *cyborg*, tentei imaginá-la como outra coisa: uma espécie de atenção dispersa. Ela não está atenta a uma só coisa, mas a várias. O seu cérebro consegue pensar sem centro. É o que por vezes sinto que já acontece hoje. As crianças à minha volta não largam os ecrãs, que truncam o desenvolvimento da criatividade. Pelo menos tal

como a conhecemos. Quero acreditar que as crianças vão crescer com um pensamento novo, outros valores. O desafio foi pensar o que poderá ser.

O desconhecimento assusta-nos?

Os jovens vão surpreender-nos com modos de pensar e sentir inusitados. Quem sabe se não terão bons resultados. Mas também há sinais preocupantes, como a iliteracia.

Curiosamente, encontramos hoje alguns indícios que apontam para o mundo que imagina em *Ecologia*. Os emails já dizem "Recebido há quatro dias. Pretende responder?"

A passividade, ou docilidade de que se fala no livro, vem daí. As pessoas habituaram-se a estímulos constantes, a novos produtos, novas formas de comunicar, novas plataformas. E quando passamos muito tempo a discutir uma coisa parece que ela já é outra. No entanto, a linguagem sempre revelou uma forte capacidade de adaptação. De início achava estranhíssimo responderem-me com emojis. Hoje, sou uma dessas pessoas que responde com caras amarelas... Tudo é assustador e fascinante. Este livro também é uma carta de amor à linguagem.

Isso é particularmente visível no epílogo, em que a linguagem fala na primeira pessoa. E diz: "Eu sou a protagonista de todos os livros que já leste e dos que não leste".

É a minha crença na sua dimensão multiforme e resiliente. Irá certamente afunilar-se, sobretudo com os monopólios do inglês e do mandarim (verdadeiros eucaliptos idiomáticos). Se vier a reduzir-se a uma linguagem funcional, quase código, ainda assim sobreviverá. E acredito que surgirão movimentos retro e nostálgicos, com vontade de recuperar o que se perdeu. Para isso, a tecnologia vai ser útil.

Quando teve a visão deste livro percebeu logo que ia ser um romance?

Demorei tempo a encontrar o registo certo, mas quando tive a ideia de pagarmos para falar soube que ia ser um romance. Além de ser o que me interessava, pois queria escrever outro romance, a premissa efabulatória era terreno para a ficção. Muitas vezes, a imaginação ao serviço da verdade é mais poderosa que os factos.

No romance, cita muitas notícias em que a realidade ultrapassa a ficção. É uma tensão entre verdade e imaginação?

O insólito já está a acontecer. Interessa-me a alegoria e a criação de um mundo, mas não como alternativa ou alienação. Quero pensar o aqui e o agora, o que explica o foco em histórias individuais. Se excluirmos o que se disse até agora, este é um livro sobre dez pessoas. Um jornalista, um fotógrafo, uma criança, uma empresária, um preso. Com o meu livro anterior, *Inventário do Pó*, senti o pudor de ter uma dívida muito grande ao fidedigno, ao real. A imaginação permite completar, fazer pontes, afirmar pela caricatura. É na imaginação que acredito. **JL**